

# Hospitalidade: o desafio das populações de pescadores que se transformam em fornecedores de serviços turísticos

*Hospitality: the challenge of the fishing populations that change into suppliers of tourist services*

---

**Simone Maria Scorsato<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Como as tradicionais comunidades caiçaras administram a passagem das atividades tradicionais de subsistência para o atendimento ao turista? De que forma a hospitalidade doméstica se modifica com a chegada dos visitantes? Estas questões estão na base do presente estudo, com observação circunscrita à Praia do Pouso da Cajaíba, localizada na Reserva Ecológica da Juatinga, Paraty — litoral sul do Estado do Rio de Janeiro. Em Paraty, o centro urbano mais próximo, a atividade turística é consolidada e este destino é conhecido internacionalmente devido ao centro histórico e as diversas ilhas da região. O fator motivacional do fluxo turístico

<sup>1</sup> Mestra em Hospitalidade e graduada em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi, é professora do Curso de Turismo da Universidade Anhembi Morumbi.

é o lazer, principalmente, o relacionado às atividades culturais e náuticas. Optou-se, nesta pesquisa, pela comunidade no pouso da Cajaíba pelo fato de a mesma possuir certas características como: traços culturais tradicionais do modo de vida de seus antepassados, índios e negros, técnicas associadas a modos tradicionais de subsistência — a pesca, a caça e a agricultura—; possuir acesso somente marítimo, caracterizando um tipo de cultura insular, com modo de vida e costumes ligados à relação direta com o mar; estar de certa forma isolada do desenvolvimento turístico caracterizado pela urbanização das regiões costeiras, mas recebendo de forma incipiente um fluxo turístico formado por jovens aventureiros, de origem nacional e internacional, que buscam neste local um contato com a natureza e com a cultura local, e encontram pernoite nas casas dos moradores ou em áreas de camping nos seus quintais, e apresentar expectativas no desenvolvimento do turismo, como forma complementar de aumento de renda. O estudo pretende desvelar os impactos gerados por tal desenvolvimento nas suas formas ancestrais de hospitalidade, sobretudo a troca entre turista e morador.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura caiçara; hospitalidade; impacto turístico; Praia do Pouso do Cajaíba.

**ABSTRACT:** In what form does a traditional community, specifically simple people who live along the seashore, offer their guests with regard to hospitality? What are the elements which are inherent to the local culture, and lifestyle offered by the community to travelers? These questions are the base of this study, with observation circumscribed on the beach of the resting place of Cajaíba (Praia do Pouso da Cajaíba), located on Reserva Ecológica de Juatinga, Paraty — south coast of the State of Rio de Janeiro. In Paraty, the most proximate urban center, the touristic activity is consolidated, of which, is a destination known internationally know due to its historical center and diverse islands within the region. The motivational factor for the influx of tourism is leisure, especially related to cultural activities and navigation. The option to research the community of the Pouso do Cajaíba was the fact that it possessed certain characteristics — cultural traces inherited from their indigenous and African ancestors, associated techniques and traditional means of sustenance — fishing, hunting and agriculture; the possession of primarily marine access, featuring a kind of cultural insulation, with a lifestyle and customs linked together in a direct relation with the sea; it is a certain isolated form of tourism development featured by urbanization from the regions seashore, but receives an influx of tourism formed by young adventurers of both national and international.

They choose this site as a contact with nature and with the local culture. They meet and sleep at the homes offered by the local residents or camp on their backyards. In addition to the presentation and expectations of tourism development as a form or supplementation of income. This survey intend to discover the effects generated for the development of the ancestral forms of hospitality, and overall, the exchange among the tourist and local resident.

**KEY WORDS:** culture caiçara; hospitality; tourist impact; Beach of the Landing of the Cajaíba.

## Os caiçaras

Os povos que anteriormente habitavam a costa litorânea brasileira, os índios, depois os portugueses e os escravos negros deixaram um legado cultural para seus descendentes, hoje chamados de caiçaras, que permaneceram ao longo da costa vivendo da agricultura de subsistência e da pesca artesanal.

A primeira citação sobre a palavra caiçara vem das anotações de Hans Staden<sup>2</sup>, quando este foi prisioneiro dos índios Tupinambás ao longo da costa do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro, significando um tipo de cerca que circundava a tribo.

Fomos a terra. [...] deixaram-me com as mulheres [...] algumas foram a minha frente, outras atrás, dançando e cantando [...] assim trouxeram-me até a caiçara, fortificação de estacas longas e grossas que rodeia suas choupanas como a cerca dum jardim. Utilizam-na como anteparo contra o inimigo.

(STADEN, 1974, p. 87)

Atualmente, a palavra caiçara está relacionada aos moradores da parte litorânea do Brasil, especificamente nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e norte de Santa Catarina.

Os caiçaras se formaram ao longo do litoral e tiveram como principal atividade à pesca, que era praticada artesanalmente até aproximadamente 1930. Além da pesca também sobreviviam da agricultura de mandioca.

<sup>2</sup> Hans Staden, um alemão que fora aprisionado por oito meses pelos tupinambás no litoral fluminense, em 1554. Por sorte sobreviveu às cerimônias antropofágicas dos tupinambás e retornou para a Alemanha onde relatou em seu livro o período de cativeiro em que partilhou hábitos e costumes dos indígenas.

Atualmente estas práticas, como a pesca, a agricultura de mandioca e o feitiço de equipamentos e utensílios para o trabalho, transporte, habitação e alimentação, ainda se preservam em alguns redutos caiçaras, principalmente, naqueles que ainda mantêm uma certa distância dos centros urbanos mais desenvolvidos, como é o caso das comunidades caiçaras que habitam a região da Reserva Ecológica da Juatinga em Paraty, onde a prática da pesca artesanal ainda é uma das principais atividades econômicas.

## O conhecimento tradicional como patrimônio cultural

Consideram-se os saberes e fazeres dos caiçaras, como as técnicas de cultivo, de pesca, da construção de barcos e canoa (construída em um único tronco de madeira de árvores como Timbuíba, Ingá, Canafistula, Aricurana, Guapuruvu), o manuseio das ervas medicinais<sup>3</sup> (*citronela* – repelente de mosquitos —, *saião* – machucadura e pulmão, gripe —, *erva de Santa Maria* – machucadura —, *banho de lagarto* – picada de cobra —, *casca de abacaxi* – colesterol —, entre outras) e a fabricação de farinha de mandioca um conhecimento local, passado oralmente e na prática de gerações para gerações.

O conhecimento local é considerado patrimônio cultural deste coletivo humano. O tema é discutido por Canclini Garcia (1999), sinalizando que o patrimônio não inclui somente a herança de cada povo, como as expressões “mortas” de sua cultura, os sítios arqueológicos, arquitetura colonial, objetos antigos ou em desuso, mas também os bens atuais, visíveis e invisíveis — artesanato, dialetos, conhecimento e tradições.

O conhecimento está subentendido na simbologia do espaço natural e nas forças míticas da natureza, respeitando ciclos lunares para a pesca, caça e agricultura. Prats (1998) analisa que o patrimônio cultural é constituído de variações entre o patrimônio biológico (endógeno e exógeno), decorrente da biodiversidade e que não se transmite geneticamente, mas a partir da aprendizagem de um sistema e de sua adaptação tecnoecológica até um sistema de crenças e rituais.

<sup>3</sup> Estas ervas medicinais foram citadas pelos moradores das comunidades caiçaras da APA do Cairuçu. Optou-se por citar somente algumas neste artigo, havendo uma relação mais extensa de ervas medicinais.

Em algumas comunidades caiçaras, ainda se percebe o conhecimento referente a modos de captura do pescado, como é o caso do cerco<sup>4</sup>, da construção de barcos e canoas, do feitiço de redes de pesca, além de outros conhecimentos associados à cultura caiçara como o manuseio de ervas medicinais, a fabricação de farinha de mandioca e de artesanato (barquinhos feitos em madeira de caixeta) resistindo aos efeitos da modernidade e de maneira heróica sendo transmitidos de geração para geração.

O turismo intervém exatamente neste contexto. Se por um lado, apropria-se da história, das lendas e da biodiversidade de um lugar para caracterizar e legitimar um produto turístico, paradoxalmente, por outro, esta apropriação pode servir de referência às comunidades autóctones na preservação e sustentação de seu modo de vida. A manutenção dos hábitos e costumes de comunidades tradicionais possibilita a difusão do conhecimento local e, no caso da oferta ao turista, pode trazer renda. Quando há possibilidade de ganhos financeiros é mais provável que as gerações atuais se interessem e valorizem suas tradições e o conhecimento dos mais velhos. O fato de o turismo se apropriar de elementos culturais nem sempre pode ser considerado como uma agressão ao patrimônio cultural e à comunidade local.

## **Do porto ao cais: o escoamento de uma nova viagem**

Na cidade de Paraty, a atividade turística é consolidada e este destino é conhecido internacionalmente devido ao centro histórico e às diversas ilhas da região. O fator motivacional do fluxo turístico é o lazer, principalmente o relacionado às atividades culturais e náuticas.

A praia do Pouso da Cajaríba é uma das que ainda preservam o modo de vida baseado na atividade de subsistência e pesca artesanal. No entanto, o fluxo de visitantes para a região vem aumentando ano após ano, gerando alterações no modo de vida, expectativas na comunidade em relação à atividade de turismo e na facilitação para a especulação imobiliária.

<sup>4</sup> A pesca de cerco foi introduzida pelos japoneses. No caso da Enseada do Pouso, pelo Sr. Oda, um japonês que durante a II Guerra Mundial, especificamente em 1943, para fugir das perseguições dos grandes centros (o Brasil não era aliado ao Japão) encontrou refúgio na praia de Ponta da Juatinga. Trouxe consigo a técnica da pesca de cerco que consiste em estender a rede de maneira circular próxima aos rochedos, deixando uma pequena garganta para os peixes entrarem. O pescador deve visitar o cerco cerca de quatro vezes ao dia para retirar os peixes, evitando que os mesmos estraquem a rede. Esta técnica de pesca se espalhou pelo litoral do Rio de Janeiro e São Paulo.

Se antigamente o porto de Paraty servia para escoamento de produtos para a Europa, hoje ele serve para a chegada de pescados e o escoamento de turistas. O cais de Paraty é o ponto de partida para os passeios ao longo de sua Baía, incluindo as praias da face leste do município como é o caso do Pouso da Cajaíba.

O lado direito do cais serve de atracadouro para os barcos de passeio turístico e o lado esquerdo para os barcos de pesca, a diferenciação da paisagem é nítida e segmentária. Os barqueiros do turismo abordam os turistas, falam bom-dia, convidam ao passeio. Os pescadores passam impunes aos forasteiros, falam pouco, só observam. Os pescadores ficam pouco em terra, a vida é no mar.

Para se chegar ao Pouso da Cajaíba o turista fica à margem da sorte para encontrar uma embarcação que esteja de partida para a região e que possa dar uma carona, geralmente são os barcos de pesca (traineiras) de moradores da enseada do Pouso. Para isto, deve-se chegar ao cais e perguntar para algum pescador ou barqueiro se tem alguém que vai sair para o Pouso. Esta “carona” é paga e em muitas vezes o turista vai acompanhado de gelo ou outros gêneros (alimentícios ou não) que estão sendo levados para a subsistência da família do pescador.

A praia do Pouso da Cajaíba é pequena, com cerca de 1 km de extensão e com um rio que desemboca do lado direito da praia, possui casas e ranchos de pesca na sua orla, entrecortados por coqueiros e paineiras. O mar possui águas em tom de azul turquesa e é pincelado pelos barcos de pesca que ancoram em suas águas.

A praia ainda mantém uma paisagem caiçara, marcada pelas canoas de voga paradas na areia, pelos ranchos de pesca e pelos pescadores que abrem suas redes ao longo da praia com o fim de consertá-las ou prepará-las para a pesca.

É na areia da praia que as atividades acontecem e as pessoas se relacionam, onde as histórias são contadas, onde o ir-e-vir marca a paisagem do lugar e determina quem chega ou quem vai embora. Difícil a quem não faça parte da comunidade passar impune à visão dos moradores da praia.

Embora tal paisagem mantenha características nítidas da cultura caiçara, atualmente esta já apresenta elementos de transição do território caiçara para o território do lazer.

O turismo acontece na praia do Pouso da Cajaíba de forma incipiente e sazonal, somente no feriado de Ano Novo e carnaval, temporada na qual a comunidade des-

fruta da oportunidade de incrementar a renda por intermédio da transformação dos ranchos de pesca em bares e da construção de casas para aluguel.

## Hospitalidade no Pouso da Cajaíba

O pernoite no Pouso é feito nas casas dos moradores ou nos dois *campings* existentes. Os moradores do Pouso oferecem suas casas para aluguel na temporada e se transferem para uma outra moradia da própria família<sup>5</sup>. Geralmente a família se organiza para alugar suas casas e fecha um preço.

Mesmo que os turistas não estejam hospedados conjuntamente com a família anfitriã, a disposição das casas na comunidade caiçara e o desenho das trilhas de comunicação na praia obrigam o turista a estar em constante contato com o morador, havendo assim uma proximidade entre o turista e a vida doméstica do anfitrião.

Quase todos os moradores alugam suas casas no final de ano. A única família que ainda não aceitou o turismo como uma possibilidade de auferir renda é a família do morador mais antigo da comunidade. Embora não tenha contato direto com os turistas, relatam que já ajudaram muitos turistas, perdidos, que erram a trilha para a praia de Martim de Sá e se perdem. Esta disposição em auxiliar os turistas pode ser entendida como uma dádiva local e até mesmo possuir um sentido de caridade, de acolhimento.

Para a comunidade do Pouso, o turismo se reveste no simples fato de alugar a casa, onde a cada ano mais casas são construídas para atender o fluxo turístico; este fato demonstra que a comunidade não está preparada para a configuração deste novo território de lazer. O fato de a comunidade desejar ansiosamente o turismo neste momento poderá se traduzir em uma atitude antagônica num futuro próximo quando o fluxo e o desenvolvimento do turismo escapar ao controle da comunidade.

<sup>5</sup> O núcleo familiar é composto pelos pais e filhos casados, no qual cada casal possui sua casa. O casamento na comunidade é caracterizado quando um jovem inicia sua vida conjugal com a noiva (na linguagem local é quando se rouba a mulher, ou quando se coloca pra dentro de casa) e se ainda não tem casa vai morar na casa dos pais. Dificilmente um casamento na comunidade acontece nos moldes tradicionais das sociedades urbanas — católicas — com padre, igreja e festa. Este fato, segundo uma moradora se dá pela falta de dinheiro para oferecer a festa pra comunidade, pois tem que convidar todo mundo e também porque a maioria é da religião evangélica.

## Hospitalidade em comunidades tradicionais

O turismo é uma atividade que exige sempre um bem-receber, seja ele em uma pousada, em um restaurante, no transporte, na casa de amigos ou parentes, na cidade etc. Quem faz turismo com o objetivo de se entreter, busca passar momentos felizes, busca encontrar algo prazeroso na viagem, seja por meio da boa prestação de serviços, seja pelo inevitável encontro com o outro, seja para conhecer um lugar diferente. São muitos os motivos que levam uma pessoa a viajar, mas se há um denominador comum entre os diversos tipos de turista e turismo este é o de ser bem-recebido. Talvez este seja o principal fator relacional entre o turismo e a hospitalidade: sempre se busca hospitalidade no turismo e a dádiva embutida nesta hospitalidade.

Godbout (1999) reforça a premissa antropológica de que a vida social necessita e é constituída por mecanismos de troca. O autor, em sua obra, mantém um extenso diálogo com Mauss<sup>6</sup>, quando retrata a análise da presença da dádiva nas sociedades primitivas, buscando assim, fazer uma distinção da dádiva primitiva e moderna.

Nas sociedades primitivas a dádiva representava e preservava o espírito de coletividade por meio do sagrado, do simbólico. No caso das comunidades caiçaras esta dádiva pode ser exemplificada na atividade de mutirão<sup>7</sup>, da pesca e do trabalho comunitário na qual a reciprocidade é um ato comum. E nas sociedades modernas? A dádiva foi corrompida pelas imposições do mercado onde a troca possui um valor econômico?

Para Godbout (1999), ainda que o mercado imponha valores pessoais que desobriguem os membros da sociedade às obrigações ligadas às relações sociais, ainda há, hoje em dia, a idéia de reciprocidade, sem sentido mercantil, na qual o dever da retribuição pode possuir um valor simbólico.

Embora as comunidades caiçaras possuam características culturais ímpares em relação às sociedades industriais, não estão livres da interferência e do contato com os costumes das sociedades modernas, que impõe novos valores às relações sociais.

<sup>6</sup> Marcel Mauss, considerado o pai da antropologia moderna e um dos intelectuais mais citados no estudo da dádiva e da troca nas comunidades primitivas.

<sup>7</sup> O mutirão geralmente é feito para a construção das casas, quando toda a comunidade participa do barreamento da casa de pau-a-pique e telhado de sapê. Hoje esta técnica já está em desuso em algumas comunidades devido à “modernidade” da construção civil na qual as casas existentes de pau-a-pique possuem telhado de cimento de amianto (Eternitt). Na pesca, esta prática ainda se mantém.

As características culturais, o modo de subsistência e o conhecimento sobre biodiversidade, pesca, agricultura, técnicas tradicionais de construção de barco, canoa, a produção de artesanato ou o simples fato de conhecer um pouco da história deste povo representam uma forma de troca a partir do momento em que acontece uma convivência compartilhada entre turistas e comunidade. Esta troca cultural representa o exercício da dádiva.

Além da troca, da dádiva, pode-se ressaltar outras funções pertinentes no relacionamento entre comunidades anfitriãs e turistas como:

- a *reciprocidade*, na qual tanto comunidade como turistas devem estar de acordo com o convívio mútuo, mesmo que este seja temporário;
- o *espírito de coletividade*, no sentido da comunidade (trabalho, moradia, educação, religião, lazer) e de turistas (lazer, descanso, entretenimento) compartilharem de um mesmo território, contribuindo para o estabelecimento de novas relações e fortalecimento das já existentes;
- a *amizade*, partindo do princípio que a hospitalidade transforma as relações e aproxima os estranhos,
- o *prazer*, o *lúdico*, no sentido de vivenciar prazerosamente uma manifestação, seja ela artística, religiosa, histórica ou simplesmente um ato relacionado à cultura local da comunidade;
- a *honra*, quando a troca de experiências entre comunidade e turistas simboliza a valorização e respeito das diferenças sócio-culturais, caracterizando a convivência como um acontecimento ímpar;
- o *respeito*, considerando que comunidades tradicionais e turistas possuam valores culturais e sociais distintos;
- a *caridade*, quando a troca estabelecida se manifesta pela ajuda mútua;
- a *prestação de serviço*, já inserida no campo comercial, no entanto, dentro de uma comunidade tradicional, muitas vezes, não possui a qualidade profissional, caracterizando que a oferta de serviços (hospedagem, alimentação, transporte, passeios) esteja imbuída de aspectos culturais da própria comunidade.

A hospitalidade também se reveste da não-hospitalidade, ou seja, atos e atitudes que representam o oposto do bem-receber (individualismo, desonra, inimizade etc.). Esta inospitalidade ou hostilidade também marca o território caiçara quando se fala do recebimento de fluxo de pessoas.

A aceitação e a inclusão podem rapidamente se transformar em hostilidade, rejeição e, até mesmo, expulsão. [...] hospitalidade e hostilidade têm em comum o fato de ambas serem expressões da existência de um relacionamento e não de sua negação (SELWIN, 2003, p. 30).

Neste sentido, um dos principais aspectos da hospitalidade nestas comunidades é o bem-querer do turismo, ou seja, um dos fatores principais para que haja a hospitalidade é o exercício da reciprocidade, a comunidade deseja o turismo e o turista compartilha do modo de vida da comunidade. Esta reciprocidade gera a troca, que pode ser pelo simples fato de querer agradecer o outro ou com a finalidade de suprir uma necessidade ou de prestar um serviço.

Esta reciprocidade só é ameaçada quando do temor do desenvolvimento do turismo de massa, que pode comprometer o modo de vida de tais comunidades anfitriãs, principalmente se o hóspede de tal comunidade não estiver disposto a entender e respeitar o estilo de vida caiçara. Neste caso, pode-se caracterizar o sentido da hostilidade da comunidade para o turismo.

Esta questão é apresentada por Pearce (2001, p. 149) quando analisa as influências do contato direto do turismo para as comunidades isoladas e pobres:

Uma interpretação adequada dos significados simbólicos pode exigir um considerável conhecimento antropológico da parte do turista consumidor. [...]

Neste sentido, o exercício da hospitalidade entre comunidade anfitriã e turistas pode ajudar na valorização da cultura local, na preservação de técnicas tradicionais de pesca, da agricultura e das manifestações e ritos das comunidades anfitriãs como símbolos da hospitalidade caiçara.

## **Hospitalidade e turismo em comunidades tradicionais**

O turismo como atividade econômica possibilita às pequenas comunidades auferir renda por intermédio da oferta de hospedagem, de alimentação e de la-

zer, mas são estas as únicas possibilidades de troca entre comunidade anfitriã e turistas?

As viagens em busca do exótico, do paradisíaco, do autêntico, se propagaram ao longo da década de 90, denominando-se turismo alternativo e tendo diversas segmentações como turismo ecológico, cultural, étnico, entre outros, que buscam no significado da expressão “alternativo” o oposto ao turismo de massa, da viagem tradicional com guias, hotéis com serviços padronizados, praias lotadas e atrativos do turismo de sol e mar.

Diante desta óptica, o turista que viaja para o Pouso da Cajaíba está procurando um pouco do estilo da viagem alternativa, já que os serviços prestados pela comunidade não se referem aos da hospitalidade preparada, da hospitalidade comercial, mas sim a uma hospitalidade espontânea.

Poder-se-ia pensar que o conhecimento tradicional, exemplificado no manejo da pesca, nos elementos míticos locais, na fabricação de farinha de mandioca, artesanato, barco ou canoa poderia ser ofertado ao turista? Pode-se ainda considerar que o fato de se ofertar produtos e experiências locais seja um ato de hospitalidade para o outro, o que chega?

O orgulho em fazer parte de uma comunidade deve ser manifestado na recepção com o outro. O contato cada vez maior com o fluxo de pessoas que chegam de fora e as transformações do lugar advindas da modernidade podem ser considerados uma ameaça para a preservação do modo de vida caiçara. No entanto, tais ameaças são inevitáveis e muitas vezes o sentido de mudança é desejado pela comunidade. Fica, então, o problema: como propiciar modernidade sem interferir na tradição?

No caso brasileiro, podemos citar endereços turísticos que conseguem razoavelmente integrar-se com o turista sem prejuízo da sua tradição cultural. O primeiro exemplo que vem à mente é o caso do nordeste brasileiro, em especial Salvador, do qual poderíamos extrair duas preciosas lições: somente populações com grande capacidade de valorização de sua tradição podem, ao mesmo tempo, desfrutar dos benefícios econômicos e culturais do turismo sem prejuízo significativo ao seu patrimônio de usos e costumes; qualquer intervenção em uma comunidade tradicional com vistas a prepará-la para a condição de destinação turística deve iniciar por um trabalho de sensibilização sobre a importância desse patrimônio.

Este trabalho ainda não foi feito no território estudado. Esperamos que não seja feito tarde demais quando o desenvolvimento do turismo já tiver transformado o território caíçara segundo suas conveniências.

## Referências

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Turismo, hotelaria e hospitalidade. In: DIAS, Célia M. de M. (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002.

\_\_\_\_\_. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (Org.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

DIEGUES, Antonio Carlos. *Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. *Ilhas e mares: simbolismo e imaginário*. NUPAUB, USP, São Paulo: Hucitec, 1998.

GARCIA CANCLINI, Néstor. Los usos sociales del Patrimonio Cultural. In: AGUILAR CRIADO, Encarnación. *Patrimonio Etnológico*. Nuevas perspectivas de estudio. Consejería de cultura. Junta de Andalucía, 1999.

GODBOUT, Jacques T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Org.). *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri: Manole, 2004.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, v. II, 1974.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Usos Culturais da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAZIGY, Eduardo e outros. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MONTANDON, Alain. Ritos da hospitalidade erótica. In: DIAS, Celia M. de M. (Org.). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. Barueri: Manole, 2002.

PEARCE, Douglas; BUTLER, Richard (Org.). *Desenvolvimento em turismo: temas contemporâneos*. São Paulo: Contexto, 2002.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. Política y sociedad. Madrid. 27, 1998. Disponível em: <[www.antropologiasocial.org](http://www.antropologiasocial.org)>. Acesso em: 4 fev. 2003.

RIBAS, Marcos Caetano. *A história do caminho do ouro em Paraty*. Rio de Janeiro: Contest Produções Culturais, 2003.

STADEN, Hans. *Dois viagens ao Brasil (1547-1554)*. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

SELWIN, Tom. Uma antropologia da hospitalidade. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (Org.). *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri: Manole, 2004.

Artigo recebido em junho 2005

Aprovado em setembro 2006